

A SOJA E A URBANIZAÇÃO NO ESTADO DO MATO GROSSO

Margareth Anne Camargo Contessa¹

O desenvolvimento urbano tem início a partir de pequenos núcleos urbanos que surgem como ponto de apoio para a produção agrícola, servindo de suporte para o espaço rural. A especificidade do processo de urbanização do Mato Grosso está ligada à ocupação do campo e da atividade agrícola. É um processo que utiliza todo o maquinário agrícola existente e que provoca a expansão de povoados que se transformam em cidades. Essas cidades surgem para suprir a atividade rural, em uma relação de complementaridade entre urbano e rural. O espaço urbano possui instalações agroindustriais e lojas voltadas para os produtos agrícolas.

O Centro-Oeste do Brasil, nos anos de 1930 a 1980, não foi uma região desocupada demograficamente, e sim, esparsamente ocupada, com a economia centrada na agricultura de subsistência e de pecuária extensiva. Na verdade, o grande impulso para a expansão da soja no Centro-Oeste foi a partir do momento em que o Mato Grosso se tornou o principal polo agrícola da soja e de absorção dos excedentes populacionais.

O crescimento acelerado no Mato Grosso começou há pouco mais de três décadas, quando se acentuou a migração para lá de brasileiros de diversos estados, particularmente de gaúchos. É nesse estado que está o maior rebanho do Brasil e é também o maior produtor de grãos. O resultado desse processo foi a transformação do Estado em um dos maiores produtores de alimentos do mundo.

Muitos agricultores gaúchos de baixa renda povoaram fronteiras agrícolas. Isso aconteceu porque as terras gaúchas tinham um preço inacessível a essa camada da população. Diante dessa questão, foi criada a Cooperativa de Colonização Ltda. (Coopercol) em 31 de março de 1971. Ela surgiu graças ao trabalho do pastor Norberto Schwantes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e de Orlando Roewer, que lideraram a organização dos colonos de Tenente Portela na busca de uma solução para o problema da falta de terra no município.

Lançada a ideia da migração entre as pessoas de Tenente Portela, RS, Mato Grosso surgiu como o destino ideal. Imaginava-se que, naquele Estado, os colonos poderiam, mais uma vez, voltar a ter lotes maiores de terra. Naquela época, pelo fracionamento sucessivo, as propriedades da região tinham em média sete hectares, e não proporcionavam ganho suficiente para a manutenção de uma família. Norberto Schwantes avaliou inicialmente que mais de duas mil famílias poderiam emigrar, e esses colonos, no ano de 1972, foram levados

¹ Mestranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

em um avião CD-3 para conhecer as terras que iriam adquirir no Mato Grosso. De posse dessas terras, plantaram soja e construíram cidades como Canarana, Água Boa, Nova Xavantina e Terra Nova do Norte, as quais, por serem receptoras de migrantes, cresceram. Um exemplo notório desse fenômeno é o município de Tenente Portela (WAGNER, 2019).

O Mato Grosso foi um centro de atração para esses colonos porque poderiam adquirir lotes maiores. As três principais cidades que têm como origem a migração gaúcha são: Primavera do Leste, Campo Verde e Rondonópolis. Rondonópolis, cidade-polo da zona meridional do Estado, começou a se desenvolver a partir do final dos anos 1940, com a instalação de colônias agrícolas, e o seu processo de expansão se acelerou nos anos 1980, passando a ter surtos de desenvolvimento. Com sua economia alicerçada nas lavouras de soja e na agropecuária, a sua indústria é ligada ao campo. Nessa ótica, pode-se elencar as esmagadoras de soja, indústrias têxteis, químicas e de fertilizantes, e os curtumes.

Outra cidade de relevância é Primavera do Leste, fundada em 1986, que hoje é a quinta economia do Mato Grosso, devido ao seu destaque na produção de soja. Tem-se ainda a cidade de Campo Verde, que também teve como origem a migração gaúcha, grande produtora de soja e na produção de frango.

Grandes produtores também se deslocaram para o Centro-Oeste e o processo de urbanização se concentrou nos locais que possuíam condições favoráveis à expansão capitalista. Esse fenômeno se dá através do investimento intenso de recursos vindos de capital público e privado na tecnificação, principalmente os que processam produtos da agroindústria. O município de Lucas do Rio Verde é considerado o que teve maior expansão de plantio de soja e que teve maior crescimento populacional de origem migratória. A explicação para a atratividade desse município reside no fato que esse é possuidor de agroindústrias processadoras de óleo, farelo e ração de soja. Na verdade, o povoamento dessas cidades foi feito através de propaganda, como uma forma de trocar as suas propriedades por extensões maiores de terra, e o Mato Grosso surgiu como uma oportunidade para o plantio e grandes lucros.

Grandes grupos – como a empresa privada Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná (SINOP), de propriedade de Ênio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho – foram responsáveis pela criação das cidades a partir de um contrato que abarcava desde o desmatamento para a construção dos centros urbanos até o assentamento das pessoas. O grupo Sinop ocupou áreas de 645 mil hectares, dividindo-as em lotes de muitos tamanhos e dessa divisão surgiram os núcleos urbanos de Vera, Santa Carmem, Cláudia e Sinop (SOUZA, 2004, p. 84).

É importante enfatizar que a produção de grãos é uma atividade que impede a manutenção da população no espaço rural, porque a mecanização da agricultura necessita de pouca mão de obra para trabalhar com grandes extensões de terra. Portanto, a soja é uma das causas da emigração dos pequenos proprietários e de trabalhadores rurais. Entretanto, ela transforma a economia local provocando impactos relevantes na área urbana (CUNHA, 2002).

No Mato Grosso a urbanização e a emancipação dos municípios são decorrentes das necessidades de grandes empresas ligadas à comercialização da soja, produtoras de insumos agrícolas. Por conseguinte, a soja é vista como uma motivadora da emigração de pequenos proprietários e trabalhadores rurais. Sua tecnologia de ponta provoca impactos no espaço urbano. Segundo Elias e Pequeno (2007), com a expansão da soja o contato entre urbano e rural se tornam mais próximos. Os dois espaços produzem processos complementares, uma vez que o desenvolvimento da agroindústria originou o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico das atividades relacionadas ao agronegócio, mas, além desses fatores, fundamentais para o processo migratório, podem ser elencados: as terras de custo menor do estado do Mato Grosso, quando comparadas às do Rio Grande do Sul; os terrenos planos e extensos; e as condições climáticas favoráveis.

Nesse sentido, vários municípios brasileiros tiveram seu processo de urbanização diretamente ligado à expansão do agronegócio globalizado, que precisa da união com os espaços urbanos, isto é, para o bom funcionamento, são necessários locais que atendam às demandas de mão de obra e serviços. Portanto, o agronegócio globalizado é integrado à economia urbana, desfazendo a linha divisória entre os dois espaços: urbano e rural.

As cidades próximas suprem as demandas do agronegócio, que podem ser de mão de obra, recursos financeiros, assistência técnica, formando as cidades de campo (ELIAS; PEQUENO, 2007). Hoje, o estado do Mato Grosso possui cerca de 39 municípios relacionados ao crescimento de plantio desta *commodity*. As cidades surgem para regular as atividades no campo, como prestadoras de serviços, concentradoras da renda fundiária, como fornecedoras de uma mão de obra imprescindível à atividade econômica predominante.

O processo de reestruturação no estado do Mato Grosso aconteceu no fim dos anos de 1990. Foi um fator de grande impacto para o estado, o deslocamento de empresas como a Bunge (holandesa), a ADM (norte-americana), a Maggi² (brasileira) e outras que passaram a se estabelecer e atuar no estado. Esse processo de estabelecimento da cadeia produtiva abarcou cadeias de soja, óleos e carne, iniciando na década de 1970. A implantação da

² De origem gaúcha, o grupo Maggi, tendo à sua frente o empresário Blairo Maggi, é o maior exportador de soja no Mato Grosso (SIMON, 2009).

produção de grãos para o Centro-Oeste na década de 1970 provocou o processo de agroindustrialização na região nos anos 1980. Empresas como a Sadia e Perdigão também investiram em paralelo no Mato Grosso, e as rodovias BR-163 e BR-164 favoreceram os investidores. Essas empresas receberam vantagens dos governos locais, como terrenos para instalação e isenção de impostos, além de se beneficiarem da infraestrutura urbana. A área urbana passou a ser centralizadora dos comércios e serviços especializados envolvidos na cadeia agropecuária ou de serviços voltados para o consumo (ELIAS, 2011).

As cidades serviram como apoio para os produtores e o resultado seria um aumento substancial na urbanização, embora a economia fosse voltada para o campo. Isso porque a atividade produtiva de *commodities* agrícolas no campo exige que, em paralelo, as cidades se especializem em atender as propriedades rurais, aproximando as distâncias e os laços entre campo e cidade. Os núcleos urbanos do Mato Grosso atraíram, no seu processo migratório, profissionais especializados no agronegócio. Com o processo de produção da soja, ocorreu uma mudança demográfica e urbana, marcada também pelo crescimento populacional. A expansão da área de plantio demonstra a grande produção e os municípios revelam aspectos do crescimento do grau de urbanização durante este período (CAMARGO *et al.*, 2017).

A urbanização decorrente do agronegócio no Estado do Mato Grosso se deu no final dos anos 1990. São municípios que têm a economia diretamente relacionada à implantação e expansão da soja; são cidades que têm como atividade principal suprir os setores associados à agricultura. Se constituem em espaços urbanos organizados em consequência da agroindústria e da produção de grãos. A inserção do município organizado no agronegócio globalizado implica na diversificação da infraestrutura e serviços que influenciam no meio urbano (ELIAS; PEQUENO, 2007). Portanto, a soja acelerou a urbanização no país e estimulou a migração da população, que estava concentrada no Sul, para o interior.

O estado do Mato Grosso também foi beneficiado por políticas governamentais e por empresas que produzem a informatização da agropecuária, transformando os municípios em “cidades do agronegócio”. Esses municípios do Mato Grosso passaram a ser procurados por migrantes interestaduais. O crescimento populacional passou a ser relevante e os centros urbanos passaram a abarcar elementos como bancos, serviços públicos, corretoras e cooperativas de grãos. A soja se tornou um complexo que vai além da produtividade, porque envolve elementos sociais, políticos, econômicos e demográficos.

Nos anos 1990, o Mato Grosso foi beneficiado por políticas estatais que provocaram nas lavouras de soja o desenvolvimento de uma tecnologia sofisticada que informatizou a

planificou os processos agropecuários, tendo em vista que, com o objetivo de possibilitar o crescimento da cultura da soja, foram realizados investimentos em infraestrutura.

O agronegócio globalizado, portanto, provoca o surgimento de cidades que têm a sua economia dependente do setor rural. São as ditas cidades do agronegócio, em que o setor urbano e o rural estão interligados. Essa produção de grãos, que está diretamente ligada ao mercado de carne, influencia no crescimento do Produto Interno Bruto municipal, atraindo migrantes, o que provoca crescimento populacional na área urbana, sendo uma urbanização intensa e necessária. Esse processo ocorre porque os municípios são fornecedores de mão de obra, corretoras de grãos, cooperativas e transportadoras. Portanto, o agronegócio globalizado envolve uma série de fatores que vai além das lavouras que estão dentro das propriedades rurais, transformando as condições sociais, políticas, econômicas e demográficas.

Foi, então, o fortalecimento do agronegócio globalizado, especialmente no que se refere à soja, que permitiu o crescimento econômico e demográfico dos municípios, o que leva a concluir que o agronegócio transforma a rede urbana e necessita de lugares atrativos à população, e de locais de complementaridade regional e nacional, provocando uma série complexa de relações.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Kelly Cristina de Moraes; ARAÚJO, Artur Hugo Ribeiro Corrêa de; SILVA, Carla Craice da; VAZQUEZ, Felipe Ferraz. Relação entre o crescimento urbano e evolução do plantio da soja no Mato Grosso (1990-2010). *In: ENAMPUR*, 17., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Carlos, 2017.
- CUNHA, José Marcos Pinto da. **A migração no Centro-Oeste brasileiro no período 1970-96: o esgotamento de um processo de ocupação**. Campinas: Nepo/Pronex/Unicamp, 2002.
- ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2011.
- ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Desigualdades socioespaciais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 25-39, 2007.
- SIMON, Pedro. **A diáspora do povo gaúcho**. Brasília: Senado Federal, 2009.
- SOUZA, Edison Antonio de. **Sinop: histórias, imagens e relatos**. Cuiabá: UFMT, 2004.
- WAGNER, Carlos. **De pai para filho na migração gaúcha**. Porto Alegre: Padrinho, 2019.